



BRASIL Dependência de 12 anos de Neymar força time a se desapegar do camisa 10 para vencer a Suíça e avançar às oitavas

Seleção fora da caixinha

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

Doha — Mano Menezes, Luiz Felipe Scolari, Dunga, Tite. A Era Neymar impõe, há 12 anos, uma dependência sem precedentes do atacante de 30 anos. Quando o único fora de série dá pau, o viado sistema da Seleção Brasileira “buga” e mobiliza uma legião de profissionais a pensar fora da caixinha para reinventar o aplicativo verde-amarelo a toque de caixa e fazê-lo rodar de uma forma minimamente confiável para o maior usuário: o torcedor. O jogo de hoje contra a Suíça, às 13h (de Brasília), no Estádio 974, exigiu troca de HD. Corrompido por uma contusão, o “drive” Neymar está no conserto. A comissão técnica formatou a máquina verde-amarela responsável por trazer o hexa e exibirá nova versão na segunda rodada com vários candidatos a novos protagonistas: jovens como Richarlison, Vinicius Junior, Raphinha, Rodrygo e Lucas Paquetá pintam como herdeiros do posto.

Sem Neymar e o também lesionado Danilo, o Brasil tem duas alternativas de combos diferentes para trocar as peças. A primeira opção de Tite é não mexer demais na estrutura. Entrar com Daniel Alves e Fred. Neste caso, Lucas Paquetá atuaria avançado

na armação, emulando o papel de Neymar. A segunda hipótese tem o zagueiro Eder Militão na direita e Rodrygo no papel de homem de ligação. Paquetá permaneceria como volante.

Se estivessemos na Copa da Rússia, Tite confirmaria a escalção. Traumatizado com a eliminação diante da Bélgica, há quatro anos e meio, o treinador mudou de hábito no Catar. Está misterioso. Como se não bastasse o freio na língua, o último treino, ontem, no Estádio Grand Hamad, do Centro de Treinamento escolhido pela CBF, foi fechado à imprensa. Os repórteres tiveram acesso apenas a 15 minutos da atividade na arena do Al Arabi.

“A definição da equipe está feita, mas tenho por hábito, de agora, passar na hora do jogo. Em termos estratégicos, você consegue fazer algumas mudanças comportamentais ou de características de atletas. O (Éder) Militão já jogou nessa função (lateral direita), tem característica para tal, e o Dani é um construtor, fora a qualidade técnica e de liderança que tem. Moral da história? Não vou dizer quem vai jogar”, desconversou Tite.

Reinventar é o verbo na Era Neymar desde a estreia do craque na Seleção, em 2010, sob o comando de Mano Menezes. O atacante nunca o deixou na mão, mas obrigou seu primeiro

Lucas Figueiredo/CBF



Volante Fred deve ser escolhido para ocupar a vaga de Neymar no time. Com ele, a Seleção se readapta com Lucas Paquetá mais adiantado

13h (de Brasília)	Estádio 974 Doha (Catar)	Primeira fase Grupo G - 2ª rodada	Transmissão Globo e SporTV
BRASIL		SUÍÇA	
Alisson; Daniel Alves (Éder Militão), Marquinhos, Thiago Silva e Alex Sandro; Casemiro e Fred; Raphinha, Lucas Paquetá e Vinicius Junior; Richarlison		Sommer; Widmer, Akanji, Elvedi e Ricardo Rodríguez; Freuler e Xhaka; Shaqiri, Sow e Vargas; Embolo	
Técnico: Tite		Técnico: Murat Yakin	
Árbitro: Ivan Barton (Salvador)			

treinador a discipliná-lo depois da troca de farpas com o técnico Dorival Júnior no episódio em que René Simões disparou que o futebol brasileiro estava “criando um monstro”. Neymar ficou fora da lista de convocados. Mano atribuiu a ausência ao ato de indisciplina.

Com Dunga

Em 2015, Dunga ficou sem Neymar na Copa América disputada no Chile. O jogador se envolveu em uma confusão com o zagueiro colombiano Murillo depois da partida, recebeu cartão vermelho e foi expulso da

competição pela Conmebol. O treinador teve de remodelar o Brasil para a última rodada da fase de grupos. A Seleção avançou às quartas, mas caiu nos pênaltis diante do Paraguai.

Dunga também engoliu a mão de Neymar em 2016, na edição centenária da Copa América. O atacante tirou férias. Sem ele, o Brasil caiu na primeira fase depois de uma derrota por 1 x 0 para o Peru. O capitão do tetra perdeu o emprego.

As contusões de Neymar são as maiores vilãs dos recorrentes processos de reinvenção da Seleção. Em 2014, Luiz Felipe Scolari viu o colombiano Zúñiga tirar o principal jogador do Brasil nas quartas de final da Copa do Mundo. Tite ficou sem o camisa 10 na Copa América de 2019 devido a uma lesão no amistoso contra o Catar, em Brasília, mas soube se virar sem ele e conquistou o título continental.

Três anos depois, o problema é semelhante.

“O Brasil é dependente de todo grande talento, e o Neymar é um extraordinário talento. Claro que é dependente, mas da preparação dos demais também”, reconheceu Tite. “Preparamos todos. Claro que os talentos são diferentes técnicos, e sim, o Neymar tem importância única no nosso modelo, porém todos estão preparados para suprir a necessidade”, complementou o auxiliar técnico César Sampaio.

Tite explicou do que sentirá mais falta na partida contra a Suíça. “Acredito no grande talento do atleta diferente. Aquele que faz as coisas bem feitas durante 80 minutos e, em duas ou três oportunidades, faça a diferença. Esse é o talento, a criatividade. Esses talentos aparecem três vezes durante o jogo, isso é ser diferente, e o Neymar tem essa capacidade.”

Tite se joga de vez na nova geração

Dos quatro técnicos do Brasil na Era Neymar, apenas um soube se virar sem ele. Tite pensou fora da caixinha e levou a Seleção ao título da Copa América 2019 fazendo de Everton Cebolinha o protagonista substituído. Esse pode ser um dos truques do treinador, inspirado justamente em uma arena construída totalmente fora do padrão. O Estádio 974 usa 974 contêineres, uma referência ao código DDI do Catar: +974.

Na entrevista coletiva de ontem, Tite falou justamente em surpreender para superar a ausência de Neymar contra a Suíça e Camarões. “Pensar fora da casinha, né. Viver o dia a dia, as possibilidades reais de cada um,

e saber que existem 26 atletas com condições e importância. Não dá para fugir disso, temos batido muito desta forma”, afirmou o técnico.

O pragmatismo de Tite o convida a colocar cada peça no devido lugar, ou seja, Daniel Alves na lateral direita no lugar de Danilo; e Fred no meio de campo no lugar de Neymar. Do outro lado, um zumbido no ouvido o desafia a fazer algo diferente, como escalar Éder Militão e Rodrygo nas vagas dos dois jogadores lesionados.

“Outros jogadores estão surgindo em uma geração que é impressionante. Têm uma serenidade e calma, daqui a pouco vai aparecer a finta de um lance do Antony, uma assistência do Vini,

Nelson Almeida/AFP



Grupo sólido montado por Tite ameniza a ausência do craque Neymar

uma criatividade do Richarlison na hora de finalizar, um cabeceio do Pedro, Jesus ia fazer o gol no lance do segundo tempo, isso vai

aparecer. Eles têm essa capacidade de criatividade. O Rodrygo corre que parece que tem a bola grudada no pé”, elogiou.

Os algozes da Itália

O desafio brasileiro será contra uma seleção que deu várias demonstrações de força ao longo do ciclo para o Mundial do Catar. Nas Eliminatórias, a Suíça liderou o grupo que também tinha a Itália, atual campeã europeia. Na Euro, aliás, os suíços desbancaram a França nas oitavas de final e só caíram na fase seguinte, nos pênaltis, contra a forte e promissora Espanha.

“Eles são muito rápidos, têm um jogo muito atraente, mas também têm fraquezas, e vamos tentar aproveitá-las. Eles jogaram bem na estreia, mas sabemos como nos comportar diante de grandes equipes”, projetou o atacante Shaqiri, um dos destaques do time. Juntam-se a ele nomes como Sommer, Xhaka e Embolo, autor do gol da vitória sobre Camarões por 1 x 0 na estreia.

A seleção defensiva, do ferrolho da Copa de 1938, ficou para trás. O time atual tem boas alternativas ofensivas que devem incomodar o Brasil. Pista para isso foi a declaração do treinador Murat Yakin, que citou a Seleção, historicamente ofensiva, como inspiração. “Espero ansiosamente o jogo. Quando eu era criança, adorava ver os jogos da Seleção Brasileira. Talvez por isso tenha me tornado profissional do futebol e fiquei muito feliz no sorteio. Será um jogo tático, temos que ter estratégia e jogar unidos”, disse.

Para o jogo contra o Brasil, a Suíça não contará com o atacante Noah Okafor, por lesão muscular. O jovem de 22 anos, porém, já seria reserva. A formação titular deverá ser exatamente a mesma da estreia.

Coluna do Mauro Beting



O Adenor Awards

Eu escalaria Daniel Alves, com um pé do Raphinha, contra o provável 4-2-3-1 suíço. Para dar ritmo de jogo a ele. Com todos os senões e sermões ontem expostos.

Eu optaria por Rodrygo para emular — em parte — o muito que Neymar faz. E fará falta. Mantendo o 4-1-4-1 da excelente estreia. Sem a bola, o raio do Real Madrid se aproximaria de Richarlison, na frente, com Raphinha e Vini se juntando numa linha intermediária ao enorme Casemiro e a Paquetá - que sabe

preencher espaços na entrada da área. Dani e Alex Sandro seriam os laterais, com os confiáveis Marquinhos e Thiago Silva por dentro. Sem problemas. Apenas soluções. No 4-4-2 básico sem a bola.

Com a pelota, Daniel dá melhor saída do que Danilo. Alex Sandro pode afundar e ser um dos três atrás, na construção que Tite usa algumas vezes: o 3-2-5. Dani se junta a Casemiro na volância. E pode assim espetar Raphinha e Vini pelos cantos, o Pombo no

comando, Paquetá pela meia-esquerda, e Rodrygo pela meia-direita, chegando na área como treinador com Tite. Como a cada jogo melhora no Real Madrid atuando mais enfiado, na de Benzema. Além do próprio entrosamento natural que tem com Vini.

Mas, se Tite quiser ser mais conservador, ou usar o time que escalou mais vezes, pode voltar com Fred como volante, dando um pé a Casemiro. Liberando Paquetá para articular na turma de frente.

Everton Ribeiro seria uma opção. Mas mudaria ainda mais o mecanismo da equipe. E teria que reajustar as não poucas qualidades do meia rubro-negro. Ele funciona melhor da direita para dentro. Em qualquer das ideias propostas pelo treinador, ele ficaria torto. E pediria mais ajustes ao meio e ataque.

Seja qual for a escalção inicial, e como Tite irá fazer esse time funcionar, a seleção segue favorita contra a Suíça. Para liberar o grupo. E voltar a decidir uma Copa. Independente da condição de Neymar. Mas ainda dependente dele para ser o cara desequilibrante de um Brasil cada vez mais e-qui-li-bra-do. Como

sempre gostou de falar Tite. Como quase sempre conseguiu.

Premia

“Isso o Adenor premia”. Frase em terceira pessoa meio que na galhofa do professor Tite, na entrevista. Falando de superação, entrega, desprendimento, senso coletivo. Usando o Adenor para se referir a ele mesmo.

Tite não é Pelé. Nem o Pep dos bancos que é Guardiola pode e deve se chamar assim. Como nem Edson é Pelé. Melhor mesmo a terceira pessoa. Ser outra pessoa.

Mas, no caso do Tite, o Adenor Awards se justifica. E pode ter várias categorias.

Referências

Craques não se mexem. Nem se medem. Cada um do seu jeito e meio já vai colocando as chuteirinhas de fora. Messi e Cristiano e Mbappé já deram as caras. Os coroaos e o coroinha francês tentam tomar o Mundial para eles.

E para quem tenta jogar um caminho de cal nos especialistas do gol, mesmo os cabeludos e os bagrecéfalos, o ótimo Espanha x Alemanha mostra que ainda tem campo para as referências da área: Morata e Fullkrug fizeram os gols do empate justo. Os 9 que jogam como 9. Ainda uma espécie que resiste.